

Montimati Bernabé João
D/E/S 1969

2º caderno
Luta de Libertação
revolucionária de
Moçambique

Montimati Bernabe João
D/E/S « 1969 »

2º caderno
Luta de Libertação
excepcional de
Moçambique

RELATÓRIO

Puz o meu irmão debaixo da Terra ~~que~~
Porque desde ontem o meu irmão não falava mais
E não queria comer, não queria limpar a ~~tabuleta~~
Com os olhos muito abertos e leves de sono.

2221
Este meu irmão ficou ontem muito diferente
Leuando uma pequena ave imperialista
Um simples assobio cego e sem penas
Deu vinha voando do outro lado da Alegria
Resolveu estupidamente ninhar naquela coração
Quando meu irmão estava perto na metade mesmo
De um passo, Camarada Comandante.

2222
Está aqui tudo o que não era meu irmão
O cinturão, o camuflado, dois carregadores, a arma boa
O bernal, o cantil, o baco, esta pequena moeda ~~de ouro~~

SSSS

Esta' tudo em muito perfeito estado de conservaço.
Faz favor da' Ordem para pôr dentro outro Urna
leamarada Comandante.

SSSSSS

» Fim do Relatório »



VIGILANCIA

Este missionário está muito claro por dentro
Fazendo muito bem como um homem na mata
E tem um sorriso de quem está tudo perfeitamente
E chegou agora de estar no serviço de Jesus da Nazareth.
E me é um sócio católico romano e Compadre.
Esta tudo perfeitamente claro fora deste missionário
Com sol ou com chuva ou com noite
Esta tudo perfeitamente claro

Claro:
E o que está um pouco na confusão
E está verniz raspado com o meu nome completo
Nesta carteira escolar da 4ª classe adiantada
E eu, aqui incomodado com a arma entalada na
Não me lembrar de ter estado dentro da ^{porta} pessoa
E me escreveu o meu nome completo no verniz
Não me lembrar de ter estado fora.

Há com certeza um pormenor que me subtraiu,
e que explica haver tantos dentes neste missionário.
Você sabe no cuidado sem virar costas
acho muito escuro nesta clareza.
São muitos dentes talos na mesma pessoa.

SSSS

Sim da Vigilância

SSSS



Estêve aqui um inimigo sem fome e muita,
Deixou-me este inimigo uma nação de combate com
E dois (2) pedaços de papel de jornal com escrementos ^{formigas}
E 22 latas de cerveja vazias
E capim pisado.

Contou-me muita informação preciosa este inimigo
Dei que há 3 meses fazia frio em Lisboa (Portugal)
Caetano está bom na legenda mas só tem meia cabeça na foto
E o seu sorriso acaba onde começa mais escremento
Caetano está bom mesmo e o Povo Português muito triste
Deje há 3 meses pois Eusébio não alinha por ter menisco
E Santo Francisco de Paula é senhor em Lisboa dos pobres.

223
Dei ainda que este inimigo tem a doença da sede para esquecer
Tem pouca fome porque ainda não sabe aprender a esquecer
Tem diarréia, tem lombriga. Tem solidão

E só sabe fumar metade do cigarro.

Este inimigo deixa muita informação e rasto
Não pode ser um inimigo tão assim tanto
É um camareado trabalhando no campo inimigo
É pelo menos um agente duplo.

AR CONDICIONADO

Estava um dia voando à altura da Lua olhando embaixo
 indo muito depressa para o Norte e estava sabendo
que faltava alguma coisa à minha pessoa.

Estava um dia olhando a Praça Vermelha de Moscovo (Rússia)
Estava com os camaradas do meu curso e estava sabendo
que a pessoa minha melhor não estava toda.

Estava um dia vestido de branco na neve
Bafando devagarinho entre os dentes e estava sabendo
Que alguma coisa subtraída da minha pessoa
Não estava de acordo.

II . III . IIII . IIII

Estou inteiramente na minha pessoa muito quieto
Leitado de buroiga na pedra quente debaixo do Sol quente
Olho o imbondeiro, o elefante, o mico de pedra
São feitos do mesmo material singelo muito velho
Estão os três de acordo.

Estamos de acordo os quatro.
Estou finalmente de acordo.

IIIIII

Jim

Na noite em que passámos o Rio Roxuma
Apontei para Sul com o nariz, com o coração, com os pés
Fiquei completamente orientado para Sul
Com esta terrível doença da febre da coragem
Que só nos deixa, Camaradas, buzir para Sul.

§§

Na noite em que passámos o Rio Roxuma
Fiquei completamente torcido para a frente
Com a minha vida como um trilha direito
Com esta terrível doença da alegria da garganta
Que só nos deixa, Camaradas, cantar para Sul.

§§

Na noite em que passámos o Rio Roxuma
O Sul estava sempre na minha frente teimoso
E como uma árvore de messassa que fosse andando

Lenti o musgo e os bichos crescerem nas minhas costas
Podia vê-los crescer nas tuas costas amarrada da frente
Também com esta terrível dança da impaciência nas costas
Donde só nos deixa, camaradas, livres de ir para Sul
O nariz, o coração e os pés apontando.

185

Levo a arma atravessada na bandoleira e vou para Sul.
A Razão que nos leva para Sul, camaradas
É que é a nossa arma melhor engatilhada apontando
Para todos os lados ao mesmo tempo.

186

So Fim ss

Nesta terra batida por gerações as cinzas vão no vento baixo
E são galinhas e são cabritos e são meninos
A ser o quasi pouco mas mais que fumo de sombras
No terra batida cinzas e vento
E na orelha, os camaradas olhando para dentro, de si.

||
Não vos soube explicar camaradas que estava orgulhoso:
Enquanto os paus de Missanha ficarem de pé
Está tudo de pé no nosso Paiz
Porque este inimigo não conhece o seu inimigo
Tornou-se inimigo do capim porque arde depressa
Mas não sabe que este seu inimigo a mentir nasce depressa
E nem imagina quanto principalmente importante
É os paus de Missanha que estão de pé.

||

Um inimigo que não conhece o seu inimigo
É o seu próprio inimigo e deixa-me perplexo.
Palavra de Ordem: Ninguém vai explicar de Missmha
a Kaulsc

§§§

o Fim

Esta árvore amiga é o inimigo
Destruir esta árvore é uma operação contra o inimigo.

Escolhemos um inimigo, inimigo, a medida da nossa ^{grande} tarefa
Um inimigo do tamanho da nossa tarefa
Que vai dar muita chatice a cair, e tática e estratégia
E vai servir derrubado melhor que em pé
Pois se que esta ^{árvores} ~~árvores~~ é boa para uma árvore tão alta
Ela é de ser muito boa para dar machamba.

Vai ser ataque de serrrote ou machada ou enxada na raiz?

Vai cair para o lado do vento?

Vai ser de iinto de fogo ou trótilo mesmo?

Vai ser com as mãos fazendo força, camaradas?

Onde há uma árvore maior que a força do Povo?

Sr.
Se vier o velho, a mulher, o menino, todos um e um e um
Pisear com a unha do dedo pequeno, lambor com a língua
Nove milhões de pequenas covícias e pouca força
Esta árvore cai mesmo.

Sr.
Por onde passa o Exército de Libertação
Fica um nastro verde e cheiroso e o caminho aberto
Para passar a Liberdade e o Futuro.

* É fácil ver quem passou aqui.

Fim

Dez ~~40~~ bois, duas vacas, seis porcos, vinte e uma cabra
Muitas galinhas, a colheita toda de meiscoeira
Todas as habitações, o Posto Sanitário, a Escola
Dois velhos, o monitor agrícola, um doente
Uma criança de quatro anos de nome Marcos
Dez imbondeiros, o capim verde e a água.

§
Aquêlê pássaro de ferro e o seu excremento poderoso
Vieram fazer a queimada fora do tempo
Deve ser uma nova técnica agrícola científica
Que tem de queimar tudo até água
É mesmo até um monitor agrícola.

§
Tenham muito respeito camaradas
Grandes cabeças do Ocidente pensaram muito.

Grandes cabeças sem cabelo cheias de papas de café com aspi-
dicidiram que sabiam resolver da nossa Agricultura ^{-rua}
E mostrar ao monitor Rafael que ele perdia Razão
Leuando dizia da queimada é contra o Povo
Porque mata na terra as sementes do Futuro.
§§

Esta Técnica Agrícola chama-se mapalm e faz Tudo :
Destronca, Sementeira, Colheita, sôzinha.
A todos os camaradas vivos: Vamos aprender
A lição da Lição desta Agricultura Moderna e esperar
O grão especial que nascer nesta Terra.
§§

— Fim da queimada —

Andando no corta mato, colado na terra
Vai o bicho novo que nasceu aqui no paiz novo
Vai o bicho comprido com muitas pernas
E não é bicho centopeia, é maior, é bicho novo
Tem tantos olhos como pernas, é muito exquisito
E não é bicho mil olhos, não é tão cego, é bicho novo
Tem paciência, muita força, muito coração
Faz trabalho escravo com Alegria, é exquisito
Faz força, sua sorrindo, é impossível
Tem espinha de saco de grão, de caixote
Ainda escondido, colado na terra mas não tem medo
É mesmo exquisito este bicho novo, é bicho Bovo
Ligando a zona libertada ao guerrilheiro
É um bicho contente fazendo trabalho escravo
Mas é, pensa que é não e chama-lhe outro nome

Então trabalho do escravo tem outro nome?

⁵⁸
Alguma coisa mudou, não é só nome.

Não há nada esquisito.

O bicho novo come comida nova, come Alegria.

E a coluna das mulheres do chameiamento.

Trabalho tem outro nome. É Produção.

~~~~~

### § Trinca §

Estou tranquilo.

Este inimigo morto não é inimigo

Não posso chamar inimigo a quem assim me sorri

E lamento que só agora pela mão da morte

Viesse para o mesmo lado da Vida.

Este inimigo morreu com Ignorância  
Ignorando mesmo a sua doença mortal  
Já vinha morto quando a minha arma falou  
Foi a voz da minha arma que lhe deu a Vida  
E o sorriso com que assim me sorri.

§§  
Sorrio-lhe também com amizade e muito respeito.  
Retiro-lhe a documentação militar  
Porque nasceu agora e tem nome próprio  
Deixo-lhe as cartas e as fotos porque hoje nasceu na fami-  
lia. Ajeito-lhe melhor a cabeça no bonínal de campanha <sup>lhu</sup>  
E não lhe fecho os olhos porque nasceu e está vivo.

§§  
Alguma parte tem um inimigo. Não era ainda este.

§

- Fim -

Hoje, dia 23 de Dezembro conheci um sábio.  
Num grupo de homens sem preguiça na língua  
Falando de um tractor que faz tudo e sai do céu  
Traz semente, faz sementeira, faz colheita, faz farinha  
E naturalmente come tudo o que faz  
Este sábio que é muito novo para se lembrar  
De qualquer coisa que tivesse aprendido éle próprio  
Tinha um facão afiado de cinta e começou cortando  
De uma pele curtida uma serpente comprida  
E assobiava tão habilidoso e seguro e afiado  
Que me pareceu empunhar o assotio como faca.

III  
As preguiças dos homens caíu dos olhos para as línguas  
Enquanto o sábio avançava para um boi novo na manada  
E laçava o lombo da serpente entre o corno e a orelha  
De um lado depois do outro.

Podou o boi na trizeira conservando nas mãos  
A cabeça e a cauda da serpente de coiro  
E com as mãos agarrou um pau grosso afiado  
Leu espetou na terra e apertou na barriga  
Como um membro de macho muito decente e belo  
E tortando o assobio na raiz dos dentes  
Disse: Tche Tche, camarada.

III

Aondaram os dois cinco metros até ao grupo de homens  
Deixando um sulco fundo na terra como ferida boa.  
Disse: O nome d'êste boi é Tractor.

III.

Mesmo logo a Preguiça era uma praga de borboleta  
E saiu dos olhos, das linguas, das mãos, dos pés dos homens  
No mato rasteiro, ali, e a praga foi embora.

" et i m "

Apreendi na 1ª classe que a abelha *Zé Zumbé Zangada*  
Apreendi na 2ª classe que a abelha *poisou na flor vermelha*  
Apreendi na 3ª classe que a abelha é inseto e faz mel bem bom  
Apreendi na 4ª classe que a abelha é uma amiga útil  
E vive em comunidade ~~de abelhas~~ chamada *colmeia organizada*  
Produzindo o mel que tira do pólen da *flor vermelha zumbindo*.

III

Não aprendi nada. Estou *zé zangado*. Não sei nada.

IV

Vejo os rapazes subindo no imbondeiro com archotes  
Com sacos na cabeça e ao riso no meio do fumo.  
Tei que vão destruir as amigas úteis na fábrica  
E que deve haver uma maneira de dividir entre homem e abelha  
Que deixe os dois satisfeitos produzindo melhor.

V

Os livros da leitura da Instrução Primária  
Tem de ser o Manual de Instrução da Abelha

§§

Não sei ensinar nada. Não aprendi nada da Abelha Inseto  
X X X. Estou enganado.

§§

.. Fim ..

Eu, o Povo  
Conheço a força da terra que rebenta a granada do grão  
Fiz desta força um amigo fiel.

III

O Vento sopra com força  
A água corre com força  
O fogo arde com força

§§

(continua)

Nos meus braços que vão crescer vou estender panos de vela  
Para agarrar o Vento e levar a força do vento à Produção  
As minhas mãos vão crescer até fazerem pás de roda  
Para agarrar a força da água e pô-la na Produção.  
Os meus pulmões vão crescer soprando na força do coração  
Para agarrar a força do fogo na Produção

SS8

Eu, o Povo

Vou aprender a lutar do lado da Natureza  
Vou ser camarada de armas dos quatro elementos.

SS1

A Tática colonialista é deixar o Povo na natureza  
Fazendo do Povo um inimigo da Natureza.

SS

Eu, o Povo Moçambicano

Vou conhecer as minhas Grandes Forças todas!

Como se faz o ferro perguntou-me agora esta criança pequena  
Seu é um pastor de cabritos e há-de ser homem  
E há-de ser um homem melhor se sabe do ferro  
Com coragem de ferro e um coração generoso.

Se  
Explicuei-lhe mal porque só sei o que vi  
E ninguém me falou nunca mais completo.

81  
Menino: Há uma pedra de ferro que vem da Terra  
Há outra pedra carvão que vem da Terra  
Faz um forno de Terra como uma cabeça redonda  
E no lugar de cabelos põe carvões de Terra  
Com dentro pedras de ferro bem apertadas  
E enche aquela cabeça de boca pequena  
Com pedras carvão da Terra, bem apertadas.

Casa toda esta Terra de sorrisos diferentes  
Com o Fogo macho acendido na manha baixa  
Com o Paduinho Ar de Fole sempre a dizer piadas  
E a Madrunka Agua Pouca esperando  
Para dizer a sua sentença importante.

¶ O ferro é o que fica da loda dos quatro elementos  
Por isso o ferreiro é um Homem sabio  
Faz a enxada, faz a machada, faz faca.

¶ Com a semente de ferro que semeou  
Planta e colhe nesta especial Agricultura  
Come um pão de ferro que faz o coração generoso  
O Ferreiro, este camponês especial.

Quanto tempo mais vai ficar esta criança pequena  
Sem uma resposta melhor mais completa?

III Fim III

És estreme, és terra e à Terra voltarás.  
Mas a que Terra? A Terra que tem fome de estreme?

II

Tenho um espinho no pé direito.

Descalço a alpergata.

Esta terra é estéril. Gueima. Está na agonia.

Ha' já trez dias caminho na agonia da terra.

Ha' trez dias caminho na minha agonia.

Não sei como ajudar esta agonizante.

Sou uma Ignorancia. Uma Agonia com duas pernas.

Este espinho no pé direito dói mesmo nada.

Vai haver uma ordem para matar esta fome inimiga.  
Uma ordem para um hospital móvel da Terra  
Fazer um curativo de estume nesta terra sem sangue  
Cobrir com muito cuidado e sabedoria o Agriícola  
Esta chaga de Sol e Agonia calada.

III

Camaradas

Esta Terra necessita dos nossos cuidados:  
Luz, Coragem, Trabalho e Estume.

III

Na Terra da Agonia só cresce a grão da Agonia,  
É preciso dar alguma coisa para colher alguma coisa.  
É preciso dar Tudo para colher o Necessário.  
É preciso estumar esta Fome.

= Fim =

Os pássaros de ferro à ordem do inimigo  
Fizeram a sua escrementação, puzeram os ovos estéréis  
Onde quiz a nossa invenção de capim e aparência.

Quis  
Não embora no gume da faca velha da serra  
E já' todos os camareadas saem dos abrigos perfectos  
Guardando os carregadores nas algibeiras e bornais  
Tirando das algibeiras e bornais feijão e mapira  
Corrigindo a posição da arma na bandoleira  
Avançando curvados na terra com a mão ligeira  
Abrindo a pequena cova, deixando aquelle grão necessário  
Probrindo a cova com o acabar de mesmo pequeno gesto  
E assim tudo muito sucessivamente por sua vez  
Com um apenas pequeno desocupo pelo tempo pouco  
Antes da noite caue de cima e interromper  
A operação delicada e demorada da sementeira. 5

Descubro as costas enquanto a mão se abastece sozinha  
Preocupada com o seu próprio pensamento lá dela.  
Penso que há uma maneira de fazer isto de outro modo  
Com um boi pequeno puxando uma caixa com grão  
E uma pequena engenharia de peças simples  
E um cão de gatilho batendo o grão um a um  
Atrás de uma unha de ferro que abra caminho  
E que um homem dirija enquanto canta  
Reborcando uma mão de raiz pesada e firme  
Leve aperte a semente na sua cama.

§§  
À noite caíu. Guardo o resto da semente, (meio punhado)  
Na algibeira da esferográfica  
E começo a pensar em escrever isto tudo  
Com a esperança de ver aparecer no papel  
Uma engenharia simples de máquina semeadora.

Fim

Vejam o burro, Camaradas  
Esta zebra pequena vestida de lama bonita fôfa  
Tem quatro pernas de andar aos saltinhos  
Duas orelhas avidouras de ouvir tudo bem  
Dois olhos espertos cheios até às lágrimas de paciência  
O nariz do focinho muito fresco e macio.

§§§.

O burro é burro, Camaradas?  
Nem diz que é burro e despreza este companheiro?

§§§

Nem quizer ofender-me não me chame de burro  
Nem quizer ofender-me não seja tão amável  
Nem quizer ofender-me inventa outra palavra  
Porque chamar-me burro lembra-me burro mesmo  
E não posso magoar-me com simpatia.

§§

Não estou a defender o amigo útil somente  
Não estou a pensar bem d'êste que faz o meu esforço e busca  
Não penso que ele me ouve tudo e busca mais forte assim.  
Há coisas d'êste companheiro para pensar melhor e espalhar.  
Falo agora, somente só da simpatia.

§ Fim §

O vento é de ninguém e não custa dinheiro  
O vento tem muita força, tem direção só não tem cabeça  
O vento está à espera da cabeça do Povo para pensar

||  
Com uma faca e um machado o Povo vai fazer já  
Mil e mil e mil armadilhas no Vento  
Vai spanhar o vento todo e dar-lhe Instrução de Treino

Vai pôr o vento na Produção  
Vai convencer o vento a fazer força útil  
vão vai prender o vento para o matar fechado  
Vai ensinar o Vento na canção da Liberdade Vigilante

SS  
O camarada pescador sabe do vento todo  
Faz a sua pequena armadilha a todos os ventos  
Com um pau prumo e outro deitado que anda à roda  
Entre os dois põe a vela de pano, de esteira ou plástico  
Para apanhar o vento malandro naquela rede tapada

SS  
O camarada camponês vai aprender esta lição  
Vai arranjar uma mecânica de pau e machada  
Vai pôr quatro paus andando à roda  
Do pau prumo deitado de face ao vento.

Com quatro velas de quatro sacas para encher de vento  
Vai levar o vento a fazer força em redondo  
Vai levar a força redonda até a pilão de pedra  
Vai pôr a força redonda em força aos saltos iguais  
Vai pôr os saltos na bomba de água, no gerador  
Vai pôr o Vento a girar no gera Alegria.

Vamos aprender do Vento e de todos.  
Vamos pôr o Vento na Produção.

Fim

Penso quasi da Cabora Bassa está bem,  
É um muro grande que vai parar um grande Rio (Zamberze)

Mas há rios pequenos em todas partes  
Do tamanho da força dos homens e mulheres de uma aldeia  
Com força para carregar pedras e arvores  
E fazer um tapamento útil num rio pequeno  
Para juntar a água sem disciplina na calma funda  
E aproveitar esta calma funda para distribuição  
As coisas necessárias e seres dependentes do homem

|||  
Esta água parada tem força de boi e sério mesmo  
E quer sair toda ao mesmo tempo num buraco pequeno  
E faz bulha e remoinho e faz mexer pás à volta dum zisco  
Como as armadilhas das velas no vento.

|||  
Ehhh! Camaradas. Esta aldeia tem um rio desempregado  
Não pode ser mais. Não falta trabalho.  
Vamos levar este rio a fazer auto-crítica e a produzir.

Falta só criar as condições convenientes com nossa força.  
Vai ter Laborinha Bassa nesta aldeia  
E um rio com guizo e trabalhador  
Está visto, camaradas, vai ver.

« Fim »

Um camponez, um operário, um pescador, um estudante  
Discutiam quem é melhor, quem é mais, Quem é que é.  
Era um estudante. Era um pescador, Era um operário. Era  
um camponez  
Sem Eu camponez não há colheita não há pão de comer  
Sem Eu pescador não há pesca não há carne de peixe  
Sem Eu operário não há ferramenta para fazer comer.  
Sem Mim estudante não há nada disso nem ciência para  
Organizar.

Estavam os 4 pés da mesa a discutir  
Eu Eu Eu Eu é que seguro a Mese de pé.

||  
Rei! Por isto há tampos de mesa pesados  
Deu metem os pés no chão dentro como o peso.

|||  
Um soldado do Povo veio do calado dizer:  
Somos todos pés da Mese da Pátria  
Para servir o Futuro bem cozinhado aos Continuadores  
& abinal somos todos fazendo a mesma coisa  
Temear, forjar, pescar, estudar, lutar.  
Cada um trabalha diferentes caras da Natureza  
Com diferentes maneiras e diferentes utensílios  
O enxada é anzol, é martelo é livro é arma  
O martelo larra, cria, estuda a manobra do ferro, luta  
com o bexiro

As rú de faz, colheita, molda o mar, aprende do mar, vence  
O livro semeia a cabeça, forja a Inteligência da Nação o mar  
Pesca o Conhecimento, luta com a Ignorância  
O guerrilheiro semeia a Unidade, Edifica o Trabalho  
Navega na Vigilância, Estuda o Serviço do Povo, Luta  
SSS com a Divisão.

Onde está essa tanta diferença? Que é ser mais, ou melhor?  
Há aí alguém tanto assim muito Enorme?

Sim

Na cabeça de um homem há muitas línguas a falar diferentes  
Falam com bocados umas das outras e estão unidas sem saber  
Quando um homem pensa sozinho consigo mesmo  
E quer tirar da cabeça uma produção útil para todos.  
S

Por exemplo: Penso Rio. É 'madsí, é 'water, é 'água  
É quilos de litros a andar depressa  
É uma música da água, é um desenho da água na cabeça.  
Posso falar Rio; posso medir Rio; posso desenhar Rio.  
Posso tirar o rio da cama e pôr o rio acordado num papel.  
E que é um retrato parecido deste Rio mesmo este -

§II  
Isto que faz na cabeça de um homem tirar retrato, são línguas  
O Rio, a Árvore, O Animal, a Rocha, a Terra, o Sol, o Vento  
São as caras da natureza que as minhas línguas estudam.

§III  
A Escola Primária Colonial está mal.  
A língua das palavras não chega para tudo  
É preciso aprender uma língua dos números  
É preciso aprender a língua dos desenhos

As tres linguas juntas é que é a lingua verdadeira do Homem  
E depois o Homem já fala á Natureza bem  
E pode aprender dela tudo o que há-de ensinar.

SS  
Sigo a pista do cabrito: pegadas e capim partido. E desenho isso:  
O excremento está fresco no Sol. Passou pouco. E cálculo aritmé-  
tico.  
Está ali. Vão o cabrito. E cabrita. Falei com palavras.  
Conheço que não sei pensar nada só numa lingua.

a Fim a

E  
Entre Kaile e Mapapaia vi um elefante abrindo o trilho  
Moais depressa que a máquina de destronca  
Este elefante estava no trilho da sua conveniência  
Mas não estava na linha correcta da Frente da Libertação  
SS

Quando o Povo mandar na sua Terra  
Vai haver Instrução Política para elefante abrir trilhos ~~trilhos~~<sup>correctos</sup>  
O Povo vai ensinar o elefante a utilizar esta força <sup>toda</sup>  
O Povo vai aprender que o elefante não é só marfim e carne  
E digo o elefante a goma, o búfalo, a zebrá, o leão mesmo  
E digo o bicho pequeno, porco espinho e rato e gafanhoto.

||  
O Povo vai utilizar com cabeça o animal bravo  
De muitas maneiras diferentes e todas boas  
E nenhuma para estregar mais, todas para pôr melhor.

||  
Vai usar a boa armadilha antiga que não espanta e caça  
Vai respeitar a cria e a fêmea cheia  
Vai dizer ao animal bravo grande e pequeno:  
É bicho camarada, vai para a fila da Produção com  
|| cabeça.

Há uma Verdade Simples aqui:  
O animal bravo nasceu e vive nesta Terra dele e nossa.  
O Homem do Campo não é bicho do mato. É Rural.  
O Animal Bravo É Necambicano. Respeito. Este é o Povo do  
Mato.

= Fim =

No dia 7  
Morreu uma camarada que vai ficar insepulta  
Ela vai tornar o ar perfumado e morreu  
Ela vai dar sempre fôlego de coragem e está morta  
Ela era da família nossa e ninguém vai chorar  
Ela os camaradas sabiam importante mas ela não  
E vai ficar insepulta porque é um grande cadáver  
E não há Terra suficiente para cavar esta sepultura.

III

E' assim mesmo  
Quando alguém cresce até ao tamanho do Povo  
Fica por enterrar porque é muito grande.  
O Herói não tem sepultura.

F i m

Vamos no corta mato da mata de espinhosa  
Esta mata parece não parecer natural  
Parece uma doença da terra que era boa  
E depois de muito explorada ficou doente  
Com doença de espinho para poder descansar.

||  
Um Camarada antigo que nasceu aqui  
Diz que esta mata era pastagem antigamente

Com um milhão de cabeça gorda  
Capataz e pastor e técnica colonial  
& queimada duas vezes por ano para limpeza.

XI  
Tenho sede, tenho fome, tenho tristeza que dói  
Mais do que sede e fome e tristeza normal.

XII  
Vou como a dormir em cima das duas pernas  
& estou de repente alegre com passadas fortes  
Porque caminho numa floresta de árvores de fruto  
III De todas as cores e sabores e vitaminas.  
A coluna faz alto, Este sonho parecia parecer natural  
No fim da Guerra da Libertação  
Vou voltar aqui  
& planto uma floresta natural de árvore de frutos.  
-o Fim- u11

Em cada dia há mais coisas na minha cabeça  
Estou a dormir, estou acordado, não faz diferença  
Passam-se sempre coisas e deisei de ter sonhos  
Porque sei que penso o que há-de ser verdade.

||  
Vou ensinar os meus filhos que eu tiver, a aprender  
Com os primeiros passos nas palavras outras coisas  
Que vão ser engrenagens mecânicas de pau, ferro e fibra  
Que sejam as engrenagens da cabeça por fora da cabeça.

||  
Vou ensinar-lhes a prática das coisas da vida  
E a fazer correctamente o aproveitamento de tudo  
Para saber juntar a sua força as Forças Naturais  
E viver satisfeito na engrenagem do Mundo Universo.

||  
(continue)

Estou a dormir. Estou acordado. Estou sempre vivo.  
É possível trabalhar 24 horas por dia.  
É estar muito descansado.  
Não pensar nada é que cansa tudo.

FIN

Abri agora os olhos antes do Sol mesmo chegar.  
Vou escrever o que estive a ver na cabeça esta noite  
antes de entrar na cama contra o Inimigo.

Vi na minha aldeia com os velhos felizes  
Os doentes no Posto Hospital e as crianças na  
Escola Nova  
Aprendendo a ficar humanos com Sciencia  
Pratica

Vi uma noiva a buscar água  
Um moinho de vento a moer grão  
Uns celeiros bem feitos com semente sã  
Uns silos com pastagem guardada para o tempo seco  
Um as mteiras onde se fazia adubo forte com lisco  
voltando a ser útil  
Um estabelecimento com seis vacas leiteiras bem tratadas à mão  
Um as muitas colmeias nos troncos das árvores  
Uma horta formidável aos socos com todo o legume  
Um pomar de papaia, limão, abacaxi, banana, toda a fruta  
Um campo de cereal maravilhoso que não via o fim  
Um lago feito do desvio de um rio com peixes de água  
Uma máquina para apanhar os raios de sol para energia  
Um boi grande ligado a uma engrenagem de movimento  
Um casal de zebras atrelado a um arado

Um elefante manso a puxar troncos enormes  
Um grupo de gente a cantar a tocar instrumentos lindos  
Um as flores gigantes que iam saindo dos teares  
Uns rebanhos gordos num pasto especialmente tratado  
Uma velha que morria a chorar satisfeita de Ak-  
-quia

A última coisa que foi nada  
Logo a seguir às batatas foi nada o que orientão  
com um grande silêncio espantoso foi coisa de nada  
e um espírito questionado de carne  
que cria de dentro do peito para a boca.

Agora estou só nos ouvidos e na língua sagrada  
eu que só pensava dentro dos olhos penso mal na língua  
e o mundo inteiro é muito pouco agora  
e tudo quanto está chegando aos meus ouvidos é pouco.

Não poderei fazer mais a mesma tarefa  
mas a luta continua pois é independente de um homem só  
e haverá outra tarefa para dois ouvidos e uma língua  
vencemos.

Yidice Langa

Yidice

Meu querido irmão Júlio.